

CIENTÍFICA DIVULGAÇÃO

## **A CULTURA COMO PILAR DA CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO NA DÉCADA DE 1970**

*André Luís de Moraes*

Ao analisar os dados e a partir da minha posição de fala e observação, encontrei uma matéria publicada no *Portal da Comunicação* em 6 de abril de 2023, com o título “Jornalistas negros(as) continuam minorias nos meios de comunicação”. O texto destacava que, apesar de 56% da população brasileira, ou cerca de 120 milhões de pessoas, se declarar negra, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, essa maioria não se reflete nas redações dos veículos de comunicação, evidenciando a persistente desigualdade racial no setor.

Segundo os números, negros representam menos de 1/3 das redações, de acordo com o estudo realizado em 2021 pela Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com a Retij (Rede de Estudos sobre Trabalho e Profissão), da SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo), sendo 29,9% negros (pretos e pardos). A pesquisa, intitulada “Perfil Racial da Imprensa Brasileira”, divulgada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), reforça esta desigualdade: 61,8% dos cargos gerenciais das redações

são ocupados por profissionais declarados brancos, e apenas 40,9% dessas vagas são ocupadas por negros.

Trazer esses dados, apesar de não terem relação direta com o conteúdo que tratarei aqui, inicia a discussão de que ainda existem desigualdades ao tratar das questões raciais e da importância de um olhar negro de dentro das redações para essas questões. Estamos em 2024, mas falarei sobre o movimento negro na década de 1970, mais especificamente sobre como a cultura foi um pilar fundamental de resistência na luta pela igualdade racial e de como a ditadura militar reforçou o racismo no Brasil.

No ano de 1976, jovens negros foram vistos como uma ameaça pela ditadura militar, pois dançavam ao som de James Brown, trazendo para a cena o movimento Black, que reunia milhares de pessoas em bailes *soul* nas regiões periféricas das cidades. Os jovens, que se vestiam à moda *black*, tinham a intenção de “criar no Brasil um clima de luta racial”, de acordo com os documentos oficiais do período.

Eles suspeitavam que os jovens agiam sob influência dos Panteras Negras, partido político revolucionário que surgiu nos Estados Unidos nos anos 1960. As manifestações do movimento incomodavam a ditadura, pois iam contra a tese da “democracia racial” defendida e propagada pelo regime. “Havia deliberadamente um desejo da ditadura, dos governos militares, de apresentar o Brasil como um paraíso racial, como um lugar onde não havia racismo”, comenta a historiadora Gabrielle Abreu, pesquisadora do Instituto Vladimir Herzog.

## **DOCUMENTO ANALISADO**

Para este ensaio, o documento analisado é da Agência Central do Serviço Nacional de Informações, um material confidencial da ditadura militar, que tratava sobre o racismo negro no Brasil em 1978. Esse documento, de grande relevância, relata a forma como o movimento

negro se organizava nas capitais do país, tendo como eixo mobilizador as manifestações culturais.

Segundo o relatório, em 1976, o órgão de informações teve sua atenção despertada para a proliferação, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, de associações culturais destinadas à promoção da cultura negra no Brasil. Embora inspiradas no movimento Simba, que defendia revoluções violentas e foi criado na década de 1960, e que desapareceu em 1972, era notável no documento que, apesar de o movimento ter características pacíficas, os militares temiam que ainda houvesse integrantes violentos infiltrados, e por isso começaram a observar mais de perto.

O movimento *black* originou-se nos EUA, com a maior divulgação da música soul por intermédio das gravadoras multinacionais, mas foi através da revelação de lideranças que, por meio da música, despertaram uma maneira de demonstrar à sociedade branca dominante um diferencial, marcado pela autenticidade e criatividade.

Na história dessas manifestações, destaca-se a historiadora e socióloga Maria Beatriz do Nascimento, que, em uma entrevista publicada na *Revista Manchete*, na edição de 21 de agosto de 1976, sob o título “O negro visto por ele mesmo”, desenvolveu a tese de que o negro precisa se conscientizar da sua própria força. Ela defende o estabelecimento de uma sociedade quilombola, com a capacidade de criar uma sociedade alternativa, com valores próprios, diferentes dos valores dominantes da sociedade em que os negros foram integrados à força.

É importante mencionar Abdias Nascimento, que foi dramaturgo, pintor, escritor, professor, deputado e senador da República. Em 1944, Abdias fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN), um marco histórico na resistência artística. O TEN desempenhou um papel crucial ao permitir que artistas negros ocupassem os teatros oficiais, tornando-se protagonistas de sua própria história. O movimento foi um instrumento de luta e afirmação da cultura negra, desafiando a margina-

lização e abrindo espaço para a expressão e valorização dos artistas negros no Brasil.

Dentro desse contexto artístico, surgiram em São Paulo diversos grupos culturais negros que usaram a arte como forma de protesto. Em Campinas, o relatório menciona o Grupo de Teatro Evolução, liderado por Antônio Carlos da Silva (TC) e Carlos Wallace Sequeira. O grupo, composto por cerca de 18 artistas, utilizava suas apresentações para distribuir panfletos com reivindicações de direitos e para destacar a persistência do preconceito racial no Brasil.

Em 1975, o grupo encenou várias vezes a peça “Sinfonia Negra”, que acabou sendo censurada pela ditadura militar. Ao encenar a peça, o quilombo, um símbolo histórico de resistência política e cultural da população negra, era trazido para os palcos como um poderoso símbolo de luta e identidade.

Segundo o relatório, o grupo modificava o texto original da peça “Sinfonia Negra”, apresentando uma versão para a censura e, após a aprovação, inseria frases e cenas de protesto. De acordo com o documento, as apresentações continham “ataques aos poderes constituídos e à sociedade branca, que, segundo eles, atirou os negros à extinção pela fome e pela doença, pelo desemprego e pela miséria mais completa”. Embora o relatório reflita a perspectiva organizacional do governo sob o regime ditatorial, ele é repleto de informações valiosas que, mesmo sob outras óticas, narram a história política e cultural da luta pela igualdade racial e marcam o início da formação do movimento negro organizado no Brasil.

Uma frase clássica e verdadeira da luta preta neste país é “Nossos passos vêm de longe”, o que se confirma ao conhecermos processos como o do Grupo Evolução, que ainda serve como base para a formação contínua de gerações. O jovem Antônio Carlos da Silva, hoje conhecido como Mestre TC, é um exemplo vivo dessa trajetória. Ele é o fundador da Casa de Cultura Tainã, um espaço que foi o projeto-piloto na política

dos Pontos de Cultura, que, mais tarde, se transformaria no Programa Cultura Viva – a primeira política de base comunitária do Sistema Nacional de Cultura, valorizando as comunidades tradicionais, os conhecimentos populares e a cultura oriunda do povo. Que essa cultura de resistência e de matriz africana, que compõe o nosso país, seja cada vez mais disseminada e não apagada, como ocorreu em outros momentos na história do Brasil.

## REFERÊNCIAS

MENDES, Miriam Garcia. **O negro e o teatro brasileiro**. Teatro Experimental do Negro – trajetória e reflexões. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/14999/8667>. Acesso em:17/01/25

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÃO DO REGIME MILITAR. **Relatório confidencial**: racismo negro no Brasil. [S. l.], jul. 1978.

ZAK, Luiz. Jornalistas negros(as) continuam minorias nos meios de comunicação. **Portal da Comunicação**, 6 abr. 2023. Disponível em: <https://portaldacomunicacao.com.br/2023/04/jornalistas-negros-as-continuam-minorias-nos-meios-de-comunicacao/>. Acesso em:17/01/25

